

DESVIOS ORTOGRÁFICOS: TRANSCRIÇÕES DA ORALIDADE PARA A ESCRITA¹

ORTOGRAPHIC MISTAKES: TRANSCRIPTIONS FROM ORAL SPEECH TO WRITING

Daiane Lamana Carvalho² e Célia Helena de Pelegrini Della Múa³

RESUMO

A oralidade é um código que permite certa informalidade, dependendo das situações comunicativas; entretanto, a escrita segue padrões de correção em vários níveis de análise. O que se propõe neste artigo é uma análise da interferência do código oral no registro escrito, no que diz respeito à ortografia. Os desvios ortográficos acontecem com muita frequência em textos de alunos do Ensino Médio. Esses desvios são fruto, em muitos casos, da transcrição da oralidade para a escrita, ou seja, os estudantes escrevem as palavras da mesma forma como as pronunciam. Neste trabalho, abordam-se redações elaboradas por alunos do 3º ano do Ensino Médio, com o propósito de analisar os equívocos ortográficos, tais como transcrição fonética, juntura e segmentação de palavras, acentuação gráfica indevida, entre outros, encontrados nesses textos. Faz-se um estudo teórico com o intuito de perceber de onde provêm esses desvios e, a partir disso, monta-se um quadro com os principais equívocos encontrados. Como principal resultado, foi possível perceber, nas redações averiguadas, que os equívocos mais recorrentes são o uso indevido de letras (s, c, ss, ç, sc, x), a marca informal da oralidade (seje, refleti, entreternimento) e a falta do acento gráfico.

Palavras-chave: fala, fonética, ortografia.

ABSTRACT

Oral speech is a code that allows certain informality. It depends on the communicative situations; however, writing must follow certain correction patterns at various levels of analysis. This article proposes an analysis of the interference of the oral code upon the written one, with respect to spelling. Spelling deviations happen very often in high school students' texts. These deviations are the result, in many cases, of transcriptions from the oral to the written code, namely, students write the words in the same way as pronounced. In this work, some essays prepared by the students of the 3rd year of high school are approached, in order to analyze the spelling mistakes, such as phonetic transcription, linking and segmentation of words, among others found in these texts. A theoretical study is made in order to understand where these deviations come from. A table shows the main misconceptions found. The most frequent misconceptions are the misuse of the letters (s, c, ss, ç, sc, x), the informal pattern of speech (seje, refleti, entreternimento) and lack of graphic marks for accent.

Keywords: speech, phonetics, spelling.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Letras: português e inglês - Centro Universitário Franciscano. E-mail: daianelamana@hotmail.com

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: celiahp@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, é comum ouvir alunos com dúvidas sobre como se escrevem determinadas palavras; por exemplo, sílabas que são escritas com “l”, mas têm o som de “u”, ou, ainda, como se escreve “exame”, em que o “x” tem som de “z”, mas o registro ortográfico é de “x”. Pode-se constatar isso através da transcrição direta da fala para a escrita que alguns alunos fazem. As dúvidas relativas a questões ortográficas sempre existiram; entretanto, emergiram com a Internet, porque os usuários não dão importância para o modo como escrevem e acabam internalizando esses equívocos e transcrevendo-os em seus textos, conforme afirma Crystal (2001, apud MARCUSCHI, 2008, p. 199):

(o) papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem [...] do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semianalfabética.

Se esse tipo de dúvida permanecer, ao longo da formação escolar, ele pode acarretar uma formação deficitária para os estudantes da Educação Básica.

Segundo Ferreiro (2003, p. 30), “quando [...] começam a buscar uma justificativa para cada uma das letras que empregam, essa justificativa é dada pela segmentação da palavra oral”. Devido a essa segmentação, ou seja, ao fato de o falante transpor para o papel as palavras como são pronunciadas, é que surgem os equívocos ortográficos decorrentes da transcrição da fala.

Com o presente trabalho, foram analisados os registros da oralidade na língua escrita, considerando os que levam a um desvio ortográfico. Para validar essa pesquisa, propõe-se analisar redações de um grupo de alunos pertencentes ao terceiro ano do Ensino Médio. O intuito em abordar os textos do Ensino Médio é constatar o que permanece sem resolução no Ensino Fundamental. A partir dessa análise, faz-se um levantamento dos equívocos mais frequentes nos textos dos estudantes observados.

Para que essa análise fosse possível, foi feito um rastreamento teórico sobre a língua falada e a escrita, abordando as particularidades de cada uma dessas modalidades de língua. Viu-se de que forma elas são articuladas e até que ponto uma influencia na construção da outra.

Por fim, tomou-se ciência de quais fatores levam o aluno a transpor sua fala para a escrita. Articulou-se, assim, essa pesquisa à prática docente, o que permitirá auxiliar professores a saberem em que momento é necessária atenção maior na forma como ensinam a habilidade da escrita aos alunos, podendo sanar, assim, a maior parte das dúvidas na hora de produzir a escrita.

Na internet, cada vez mais presente na vida das pessoas, por se tratar de um ambiente não formal, os usuários não dão importância para a maneira como escrevem suas comunicações digitais. Por esse motivo, é comum deparar-se com equívocos do tipo “concerteza”, “legau”, “dinovo”, entre tantos outros. Esses equívocos são considerados desvios da norma padrão da Língua Portuguesa; en-

tretanto, fazem-se presentes nas interações virtuais dos usuários. Há uma transposição desse uso para outras formas comunicativas que não comportam registros tão informais.

Dessa maneira, justifica-se a realização desse trabalho, por tentar averiguar quais são os registros informais, pertencentes à oralidade da língua, que são internalizados, que passam a fazer parte do vocabulário dos alunos e se manifestam na escrita.

Tendo sido expostas tais considerações, faz-se necessário ampliar a abordagem pela qual este estudo se sustenta, caracterizando, assim, o objetivo de fazer um levantamento, em textos de alunos do Ensino Médio, das manifestações da oralidade na escrita que levam a desvios na ortografia da Língua Portuguesa. A partir disso, justifica-se compor um panorama de reflexão sobre a língua falada e escrita, construir um quadro de registro dos principais e mais recorrentes desvios ortográficos encontrados na escrita de um grupo de alunos do terceiro ano do Ensino Médio e, dessa maneira, contribuir para a melhoria do ensino na Educação Básica, por intermédio do reconhecimento da validade dos estudos fonético-fonológicos no registro da ortografia da Língua Portuguesa.

REFERENCIAL TEÓRICO

São comuns, nos dias de hoje, diversos equívocos no registro ortográfico da língua. Um dos mais comuns, aliado a esses transtornos ortográficos é a simples transcrição da fala para o papel. Nas palavras de Cagliari (2001, p. 85-86) “[...] muitos casos de “trocas de letras” na alfabetização podem ser causados ainda pelo fato de o aluno transferir uma análise que faz de sua fala para a forma escrita. Assim, pode escrever *fugão* em vez de *fogão*.” São diversos os motivos que levam o aluno a realizar essas transcrições fonéticas em seus textos; por exemplo, o fato de não terem a leitura como um hábito, por se comunicarem mais oralmente do que com a maneira formal da escrita ou, até mesmo, por se comunicarem através de redes sociais, onde geralmente as palavras são escritas como são pronunciadas. Outro acontecimento que comprova a transcrição equivocada da fala é que as pessoas não falam da maneira dita correta, ou seja, não usam a formalidade na comunicação oral. Isso pode ser constatado pelas palavras de Ferreiro (2003, p. 124):

[...] (t)ranscrever [...] qualquer língua falada, como, por exemplo, uma conversa cotidiana [...] é uma atividade linguística extremamente especializada [...]. Não é algo que se domine naturalmente, nem sequer no caso de um adulto normal alfabetizado. De modo que não podemos incitar as crianças a escrever o que dizem, porque não só a estrutura e a forma, como inclusive a ortografia, podem chegar a ser bastante peculiares e difíceis de resolver.

A partir do que a autora propõe, pode-se afirmar que é difícil, sim, ensinar a escrever a Língua Portuguesa padrão, principalmente pelo fato de que o aluno tende a escrever da mesma maneira que pronuncia e, em decorrência disso, ocorre a maioria dos equívocos. Conforme Cagliari (2001, p. 86),

[...] (o) que se ensina de Fonética nas escolas, nos livros didáticos, nas gramáticas é em geral desastroso. Não há nenhum cuidado com as explicações, há erros primários e uma incompreensão quase total da realidade da língua.

Boa parte dos alunos não sabe distinguir, ao escrever, o som agregado à letra da maneira como deve ser; por exemplo, uma palavra que é escrita com “s”, mas que, na fala, tem som de “z” (ex.: casa), pode confundir o aluno e levá-lo ao erro. Algo que pode contribuir para o aluno não saber a diferença entre o som da letra e sua grafia correta é que, na Educação Básica, não há um estudo aprofundado sobre Fonética e Fonologia.

LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Segundo Koch (2000, p. 61), “fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias.” De acordo com a autora, a fala e a escrita têm diferentes particularidades, mas se entrelaçam pela origem comum e pelas similaridades de código.

A língua falada é articulada com mais espontaneidade; o falante não planeja muito antes de articulá-la. De acordo com Koch (2000, p. 63), “[...] é relativamente não planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional: isto é, ela precisa ser localmente planejada [...]”. Em um discurso falado, o locutor pode variar o tom de voz para expressar o que está sentindo e deseja passar aos ouvintes, e também fazer gestos para se fazer entender com mais facilidade.

A linguagem falada pode ser de maneira formal, ou seja, seguindo os padrões da norma culta. Esse tipo de fala é usado para se comunicar com autoridades, em reuniões, pelo professor em sala de aula, em qualquer situação formal.

Há, também, a forma coloquial, que é a linguagem usada no dia a dia, numa conversa entre amigos ou colegas, no supermercado etc. Nesse nível de fala, não é necessário seguir à risca a norma culta. Deve-se levar em conta, também, que a fala muda de acordo com a instrução do falante, com seu lugar de origem, cultura etc. Na concepção de Koch (2000, p. 63),

(c)abe lembrar, também, que, em situações de interação face-a-face, o locutor que, em dado momento, detém a palavra não é o único responsável pela produção do seu discurso: trata-se, como bem mostra Marcuschi (1986), de uma atividade de co-produção discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só procuram ser cooperativos, como também “co-negociam”, “co-argumentam”, a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor.

Conforme a autora, o discurso falado é formado por duas ou mais pessoas, ou seja, o locutor sempre irá direcionar sua fala a algum ouvinte. Para que haja o entendimento da fala, é preciso que a mesma esteja de acordo com o grau de instrução dos interlocutores, com a localidade e a sociedade em que estão

inseridos etc. Dessa maneira, não haverá problema em construir um diálogo em que ambas as partes, falante e ouvinte, possam se comunicar e interagir sem dificuldades de compreensão relativas ao código.

Na tabela 1 apresenta-se as diferenças entre esses códigos.

Tabela 1 - Equivalências entre a fala e a escrita.

TABELA COMPARATIVA	
Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do “modus pragmático”	Predominância do “modus sintático”
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Poucas normalizações	Abundância de normalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical
Direta	Indireta
Informal	Formal
Contém erros	Perfeita
Corrigível	Incorrigível

Quadro adaptado de Koch (2000, p. 62).

DA FALA À ESCRITA

Ao falar, o locutor pode fazer uso, além da oralidade, de gestos, entonação da voz e expressões faciais para que seu discurso seja compreendido pelo(s) ouvinte(s). Quando se trata da escrita, esta deve dar-se de uma maneira mais elaborada, seguindo as normas ortográficas, para que haja um bom entendimento por parte do receptor.

Diferentemente da fala, que é momentânea, única e face a face com o receptor, a escrita é permanente e não há um contato direto com o leitor, ou seja, a relação espaço-temporal marca um diferencial entre essas modalidades da língua. Esse é mais um motivo para que a escrita seja efetuada de maneira clara e correta, havendo coerência no que é escrito. Segundo Koch (2000, p. 41), “a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a construir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. A língua escrita requer, então, uma série de cuidados, a fim de que a interação aconteça.

A escrita precisa de um tempo maior do que a fala para sua elaboração, pois deve ser redigida com coerência, padrão correto e acessível e ser revisada para que não contenha equívocos na compreensão e, também, na ortografia. Além disso, a escrita demanda uma melhor elaboração, porque ela será permanente, ficará registrada por muito tempo e é necessário que o leitor consiga entender, independentemente de ter acesso ao texto no dia em que foi escrito ou depois de muitos anos após a sua criação.

ORTOGRAFIA

Segundo Morais (1999, p. 7), a “ortografia é a arte e o modo de escrever corretamente as palavras de uma língua”. Com base na definição do autor, a ortografia é que dita as regras de uma determinada língua. Para uma escrita sem equívocos é necessário saber as normas ortográficas.

Porém, não é necessário dominar as normas ortográficas para saber escrever, nem para haver o entendimento do que foi escrito. Por exemplo, se transcrevermos a palavra “sozinho”, com a vogal aberta /ó/ “sózinho”, apesar de não estar escrita conforme as regras ortográficas, haverá o entendimento, mas não o registro padrão da língua.

Embora não seja necessário o domínio das regras ortográficas para haver um entendimento, o principal papel da ortografia é estabelecer uma escrita padrão. De acordo com Morais (1999, p. 8), “a ortografia reflete uma tentativa de unificarmos a forma como escrevemos, os milhões de habitantes deste planeta que sabem determinada língua, a fim de nos comunicarmos mais facilmente”.

Em certos casos, é indispensável que saibamos fazer uso correto da ortografia, como, por exemplo, na escola, onde, mesmo que nossa escrita seja entendida, se não seguirmos a norma culta, estaremos cometendo um erro, como mostra Morais (1999, p. 8): “o erro ortográfico adquire o sentido de “infração” ou, em certos contextos como a escola, de pecado que deve ser punido”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a elaboração desta pesquisa, foram consultados autores que tratam da oralidade e da escrita e a (in)dependência entre ambas. A partir do conhecimento obtido após essas leituras, foram analisados os equívocos ortográficos decorrentes da transcrição da oralidade para a escrita, em redações de alunos do Ensino Médio.

O objeto de estudo foi coletado de 28 alunos, pertencentes ao terceiro ano, da Escola Estadual de Ensino Médio Aparicio Silva Rillo, do município de São Borja - RS. O material foi produzido em junho de 2013, como avaliação da disciplina de Língua Portuguesa e foi cedido pela professora ministrante da matéria.

O material escolhido para validar essa pesquisa foi eleito pelo fato de os alunos serem concluintes do Ensino Médio; em alguns casos, sem dominar corretamente a habilidade da escrita em seus aspectos formais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, realiza-se a análise das redações escolhidas como *corpus* desta pesquisa, para elencar os desvios ortográficos mais recorrentes nos textos dos alunos, a fim de compor um quadro de registro dos principais equívocos ortográficos encontrados na escrita de estudantes do Ensino Médio.

Na tabela 2, são apresentados os resultados encontrados com a análise dos 28 textos analisados.

Tabela 2 - Manifestações da oralidade na língua escrita.

Desvios ortográficos	Exemplos	Quantificações
“c” em lugar de “s”	Cediar, cido, ajudace, ceria, cendo	6 registros
“z” em lugar de “s”	Atravez, pesquisa	3 registros
“s” em lugar de “ç”	Seguransa	1 registro
“ss” em lugar de “ç”	Fassa	1 registro
“s” em lugar de “ss”	Beneficiase, resaltar	2 registros
“u” em lugar de “o”	Bunito, cum	2 registros
“s” em lugar de “c”	Sertamente	1 registro
“ss” em lugar de “z”	Pobressa	1 registro
“x” em lugar de “s”	Extrangeiros	1 registro
“e” em lugar de “i”	Grandeosa	1 registro
“g” em lugar de “j”	Regeição	1 registro
O aluno acentuou a vogal aberta	Aéropoorto, cópa, idéia, tecnologia	4 registros
O aluno escreveu de maneira informal	Seje, cidadãos (3), fore, refleti, entreternimento, á, deciframento, adiquirimos, qui, petra, frustantes	13 registros
O aluno escreveu em separado partes de uma mesma palavra – segmentação vocabular	Tornar-mos, com tudo	2 registros
O aluno esqueceu-se de escrever uma letra da palavra	Tora (torna)	1 registro
O aluno não usou o acento gráfico	Importancia (6), tem (4), critica (2), futil, beneficios, compreensíveis, epoca, historia, necessario (2), ate, serios, publica, impossivel, duvidas (3), científico, manuzia-los, facil, publico, esta (3), habito (2), cerebro, raciocinio, teriamos, podera, entrega-la, ultimos (2), vem, expulsa-los, ajuda-los, alguem, destruida,	47 registros
Juntura de palavras	Concerteza, oque	2 registros
¹ PNP típico da oralidade	Aquele quem	1 registro

A maior parte das transcrições fonéticas consiste na troca da letra “c” pela letra “s” (ex.: cedi*ar*, cido). Devido ao som produzido, os alunos se equivocaram ao colocar a palavra no papel, pois escreveram com a letra que o som transmite. O uso indevido de letras configura-se como uma das formas que mais causam registros da oralidade na escrita. O aluno elege uma possibilidade da língua, por exemplo “z”, e escreve “ezame”, mas ortograficamente a forma eleita é “x” (exame).

Ocorre também a transcrição fonética da letra “j”, onde o aluno a substituiu pela letra “g” (ex.: regei*ção*). Houve, ainda, casos de troca da letra “o” pela letra “u” (ex.: bunito, cum). Os alunos se confundiram, pois foram influenciados pelo som que produzem na oralidade no momento de escrever. No português não padrão, tem sido comum a troca do som [o] pelo som [u] e a oralidade registra essa manifestação bastante comum. Na língua escrita, essa troca não é comum, mas se explica pela oralidade abundante.

Outro equívoco presente nas redações é o processo de juntura (ex.: concerteza, oque). Esse processo ocorre porque o aluno, ao escrever, juntou duas palavras que deveriam ser escritas separadamente. Isso acontece pelo fato de certas palavras, que são escritas em separado, parecerem ser uma palavra só no momento em que são pronunciadas. Embora os casos de juntura vocabular encontrados sejam raros, o fato tem-se revelado com frequência nas redes sociais. Há também dois casos de segmentação de palavra (ex.: tornar-mos, com tudo). Aqui, o aluno separou as partes da palavra, devido ao som produzido pela pronúncia, em que parece haver uma separação de sílabas.

Houve também a transcrição de palavras como são pronunciadas numa conversa informal (ex.: seje, refleti), exatamente como se pronuncia no português não padrão, sem levar em consideração as regras de ortografia.

Há também registros de acentuação da vogal aberta em algumas palavras (ex.: aéroport*o*, cópa); por serem pronunciadas com som de vogal aberta [é], os alunos as transcreveram com o uso de acento gráfico.

Mais um desvio presente nos textos é um equívoco típico da oralidade (ex.: aqueles quem). Por ser um vício na fala, a pessoa acostuma-se a pronunciar dessa maneira e acaba transcrevendo da mesma forma para a escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o conhecimento teórico, obtido com as leituras dos textos de autores que falam sobre o tema e a análise das redações redigidas por alunos do Ensino Médio, foram percebidos diversos desvios na ortografia, ocasionados pelas manifestações da oralidade na escrita. Podemos notar que os estudantes levaram em conta, na hora de escrever, o som produzido em conformidade com as letras, ocasionando assim alguns equívocos.

Outro fato, que foi notado nos desvios, é que os alunos escreveram da maneira como se comunicam no dia a dia, ou seja, de maneira informal. Eles passaram para o papel as palavras sem levar em conta as normas ditas como corretas de ortografia e, desse modo, foram levados a cometer o “erro”, ou desvio ortográfico.

A partir dos desvios encontrados, construímos uma tabela com os mais ocorridos. Em vista disso, poderemos contribuir para a melhoria do Ensino Básico, pois será possível perceber quais os desvios mais comuns entre os textos analisados. Salientam-se três desvios principais: uso indevido de letras, registros de oralidade informal e ortografia acentual ausente. Esses pontos podem servir de base para os professores saberem quais os pontos que devem ser mais trabalhados com alunos da Escola Básica e para os pesquisadores usarem como referência para novas pesquisas sobre o assunto e/ou tomarem por base os dados que resultaram desta investigação.

Diante do cenário que se constituiu, as escolas poderiam focar mais nos estudos fonéticos e fonológicos que oferecem a seus alunos da Educação Básica. Dessa maneira, a maioria das dúvidas dos estudantes, quanto à forma que as palavras devem ser escritas, poderia ser sanada e a língua portuguesa padrão receberia o tratamento adequado quanto à forma ortográfica.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

FERREIRO, Emilia. **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

MORAIS, Artur Gomes (Org.). **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

